

Por que todo flamengo é pela candidatura Dutra? Futebol e cultura política em tempos democráticos (1945-1950).

RENATO SOARES COUTINHO*

Os acontecimentos mundiais aceleraram os passos da mudança política no Brasil. O final dos conflitos da Segunda Guerra Mundial anunciavam novos tempos de paz. O ano de 1945 começava anunciando dias difíceis para o Estado Novo.

O esgotamento do modelo autoritário era patente. A derrota dos regimes fascistas europeus veio acompanhada de diversos tipos de crítica ao governo brasileiro. Como lutar ao lado de países democráticos, em nome dos ideais liberais, tendo nos próprios domínios uma ditadura que caminhava sem maiores percalços para quase uma década de existência?

Imprensa censurada, legislativo fechado, partidos políticos proibidos. Esse era o cenário institucional criado pelo Estado Novo que em nada se adequava a nova realidade mundial que alvorecia. Como explicar para o mundo ocidental moderno as permanências ditatoriais em tempos de empolgação democrática?

Intelectuais, políticos e profissionais liberais deram início, então, a uma oposição sistemática ao Estado Novo reunindo em torno da sigla UDN – União Democrática Nacional – variadas vertentes políticas insatisfeitas com a longevidade getulista no poder. Entrevistas cada vez mais contundentes contra Vargas e matérias denunciando os abusos do Estado Novo se multiplicavam nos jornais, fato que indicava o fim da interferência dos censores do DIP nos órgãos de comunicação. Em reportagem publicada no *Jornal do Brasil* em 1945, várias impressões sobre o Brasil de diversos jornais do mundo foram apresentadas. A imprensa argentina comparava Vargas a um caudilho, os ingleses diziam não entender porque o Brasil havia lutado contra os fascistas no confronto mundial. Ao final da matéria, o jornalista sentenciou: “felizmente como um povo redimido, como uma Nação que, mercê de Deus, retomo seu caminho.”(*Jornal do Brasil*, 07 de novembro de 1945)

Críticas de todos os tons foram direcionadas ao modelo político brasileiro estadonovista. Os jornais, após anos de censura, assumiram uma posição agressiva em

* Professor de História do Brasil da Universidade Castelo Branco, doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense.

relação a Vargas, que comandava o país desde 1930. De um modo geral, a idéia da redenção com fim do Estado Novo inspirava quase todos da imprensa.

Sob as diretrizes do DIP, os órgãos de comunicação cumpriram a missão de propagar os valores nacionalistas antenados com a lógica estatal. Porém, com o fim do controle estatal, não havia mais porque a imprensa continuar alinhada ao discurso oficial. Especialmente porque a conjuntura internacional era marcada pelo aumento dos questionamentos e combates aos governos nacionalistas. Segundo nos mostra o historiador Jorge Ferreira, “o próprio embaixador norte-americano, então nomeado por Roosevelt, declarou que seu país, em matéria de política externa, combateria os governos nacionalistas.” (FERREIRA, 2005: 22)

Até a crise do Estado Novo, o discurso da crescente imprensa esportiva era decididamente simpático ao nacionalismo estatista, e certamente a censura contribuiu para isso. No longo conflito que envolveu de um lado *amadorista* e do outro *profissionalistas*, a imprensa atuou sempre em nome da intervenção do Estado nas questões desportivas e, em paralelo, sustentou o discurso de compromisso cívico do esporte. Diversos dirigentes de clubes e federações contaram com o apoio da imprensa durante os tempos da censura, além das instituições comandadas por eles terem recebido apoio ao longo de todo o processo de profissionalização. Resumindo: no caso da imprensa esportiva, que cresceu espantosamente nos tempos do Estado Novo, como se portar diante da mudança do quadro político-institucional? As possibilidades de críticas estavam postas. Intelectuais ligados a UDN estavam nas redações dos jornais esportivos como o *Jornal dos Sports* e o *Globo Sportivo*. Mas, como atacar o governo que foi sensível ao processo de popularização do futebol e que tanto contribuiu para o seu enriquecimento?¹

Em situação semelhante estava o Flamengo. Como continuar sendo o clube do espírito cívico, da integração nacional, em um momento de descentralização política e críticas ao nacionalismo? Se os símbolos que forjaram a identidade do clube estavam próximos do discurso estadonovista, o que fazer diante da enxurrada de ataques ao regime que estava sendo demolido?

¹ Por exemplo, em janeiro de 1945, os presidentes dos clubes e entidades esportivas se reuniram para agradecer o decreto governamental que isentava os clubes dos impostos federais. Getúlio Vargas estava presente na solenidade e foi bastante celebrado pelos dirigentes e pela imprensa esportiva. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1945.

Diante desse quadro de reformulações institucionais e simbólicas, é muito interessante localizar as filiações políticas dos intelectuais que participavam diretamente da construção da identidade do clube. O ex-presidente José Bastos Padilha, que ainda inspirava as gestões sucessoras, apoiava a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da UDN. No caso de Padilha, uma ressalva merece ser feita. Ele era amigo próximo do político gaúcho João Neves da Fontoura, e mantinham posições políticas muito parecidas. O político gaúcho fazia parte de um grupo que apoiou a Revolução de 1930, e que somente se afastou de Vargas nos tempos da Revolta Constitucionalista. Mas Fontoura se reaproximou de Getúlio ainda durante o Estado Novo e manteve-se aliado a Vargas até a eleição de 1950, quando era filiado ao PSD, tendo rompido novamente poucos anos depois. A trajetória de Fontoura serve para indicar que Padilha, mesmo tendo apoiado a candidatura udenista, mantinha um bom trânsito com lideranças políticas alinhadas ao getulismo.

Ari Barroso, que atuava dentro do clube e a favor do Flamengo na imprensa esportiva chegou inclusive a se filiar a UDN, tendo cumprido pela legenda o mandato de vereador da cidade do Rio de Janeiro entre 1946 e 1950. Mas o interessante é que a grande causa do seu mandato o colocou em posição diametralmente oposta ao líder da UDN na Câmara, o político Carlos Lacerda. Barroso e Lacerda divergiram publicamente sobre a construção do Estádio Municipal. Lacerda entendia que a construção do estádio servia apenas para atender aos interesses do Governo Federal, que sonhava desde o início dos anos 1940 com a realização da Copa do Mundo de futebol no Brasil. Por isso o líder udenista criou todos os tipos de dificuldade para a execução da obra. Lacerda motivou um enorme debate sobre o local da construção, requisitou inúmeros relatórios para a secretaria de finanças da prefeitura, pediu revisão do contrato de aquisição do terreno do Jockey Clube, local onde o estádio acabou sendo construído. Seu correligionário, o vereador Ari Barroso, não seguiu as determinações da bancada do seu partido e saiu em defesa do projeto inicial, de autoria do vereador Iguatemi Ramos, do PCB (VIEIRA, 2000: 24). Barroso chegou a discutir no plenário com Lacerda sobre o local da construção. Lacerda desejava que o campo fosse construído em Jacarepaguá. Barroso, defensor da construção do estádio em um bairro central, levantou a voz e disse que Jacarepaguá era foco de malária.

Barroso não estava sozinho na luta pelo estádio municipal. Ao seu lado estavam Mario Filho, Geraldo Romualdo, João Lira Filho e José Lins do Rego, todos cronistas renomados do *Jornal dos Sports*. Mario Filho, diretor do jornal, escrevia com frequência sobre o compromisso cívico e pedagógico do futebol, e sobre a necessidade da construção de uma praça de esportes que coubesse toda a nação (*Jornal dos Sports*, 18 de junho de 1950). Discurso bastante alinhado com o propagandismo nacionalista dos tempos estadonovista.

José Lins do Rego, famoso literato e cronista torcedor do Flamengo, foi outro intelectual ligado ao clube que no fim do Estado Novo se aproximou da UDN. José Lins era de um grupo chamado Esquerda Democrática, que em 1945 estava ligado a UDN (CASTRO, 2002: 152). Somente em 1947 esse grupo se transformou em um partido, o Partido Socialista Brasileiro. Zélinas reiteradas vezes em suas crônicas defendia a democracia e condenava regimes ditatoriais, mas nunca escreveu textos agressivos contra Vargas ou demonstrou alguma tendência anti-getulista em seus argumentos.

José Bastos Padilha, Ari Barroso e José Lins do Rego, três intelectuais que atuavam diretamente dentro do clube associado ao discurso nacionalista e popular se aproximaram da UDN, partido de oposição a Getúlio Vargas. Isso poderia indicar uma reviravolta nas ações midiáticas do clube. Padilha não atuava mais diretamente no clube, mas Zélinas e Ari Barroso eram ligados aos Dragões Negros, grupo de dirigentes que se reunia na Confeitaria Colombo e que durante muito tempo deu as cartas na política interna do clube, definindo inclusive eleições.² Eles eram homens da imprensa, que poderiam avaliar necessário desfazer o vínculo identitário do Flamengo com o nacionalismo. Era comum ao discurso udenista a acusação de que as festas cívicas em eventos desportivos eram práticas fascistas. O jornalista Araújo Netto e o próprio Carlos Lacerda condenavam com veemência a aproximação entre futebol e nação no jornal *Tribuna da Imprensa*.

Mais sério ainda seria se o Flamengo passasse a ser alvo de ataques por parte dos próprios torcedores, dispostos a reinventar o clube ou mesmo a negar as suas representações. Instituições e símbolos associados a regimes autoritários antipopulares

² Fizeram parte dos Dragões Negros nomes importantes do clube como Diocesano Ferreira Gomes, José Lins do Rego, Fadel Fadel, José Maria Scassa, Moreira Leite e Alfredo Curvelo. Os Dragões formavam uma “sociedade secreta” muito pouco misteriosa que fazia reuniões em uma confeitaria, diante de todos. Os Dragões tinham grande influência nos meios de comunicação e na Federação de Futebol.

costumam cair em desgraça em tempos de abertura política. Pouco tempo antes, em 1944, o Flamengo celebrava um tricampeonato exaltando ao máximo o significado patriótico da conquista. Com o fim da censura e com anos de tensões controladas, o discurso nacionalista e operário do clube poderia ser atacado pela própria torcida, caso a abertura política tivesse significado a desgraça do discurso nacionalista e popular. Porém, não significou.

A abertura política que resultou no fim do Estado Novo permitiu uma série de ataques agressivos ao governo Vargas. De fato, na imprensa de todo o Brasil, acusações e depreciações marcaram o tom revanchista dos opositores do Estado Novo. Mas, pesquisas mais recentes mostram como o apoio ao Governo Vargas se fez presente, especialmente entre as camadas mais populares. O movimento político conhecido como “Queremismo”, que defendia a permanência de Getúlio Vargas no poder, indica como os índices de aceitação do regime autoritário, permaneceram altos mesmo após o fim da censura e da repressão (FERREIRA, 2008).

No processo de abertura política, marcado pela tensão entre defensores e opositores de Vargas, o referencial simbólico construído pelas camadas populares fazia alusão ao udenismo sempre em associação aos hábitos refinados e grã-finos, avessos ao caráter popular do trabalhador brasileiro. O operário brasileiro, defensor do espírito patriótico, afirmou através de diversas manifestações públicas a sua adesão ao modelo de governo que era combatido pela UDN. Seja pelo reconhecimento dos benefícios sociais, seja pela reciprocidade simbólica existente no Governo Vargas, o trabalhador em tempos de abertura democrática escolheu permanecer vinculado ao regime que, aos olhos da oposição, era apenas uma máquina repressora. Como nos mostra Jorge Ferreira, declarações de apoio a Vargas eram feitas em todo país:

“nós, abaixo assinados, levados pelo espírito patriótico de operários nesta cidade de Penedo, Alagoas, reunidos e cumprindo um dever de gratidão, levamos ao conhecimento de V. Excia que não encontramos nenhuma manifestação satisfatória nos operários desta terra no sentido de que seja a pessoa de V. Excia. Substituída no Governo.” (FERREIRA, 2005: 57)

Esse apoio se traduzia também na simples dicotomia entre a figura popular do trabalhador e o elitismo grã-fino, que pode ser encontrada na sátira do jornal “*O Radical*”. A charge mostra um diálogo em que o operário dizia a um senhor bem vestido: “Seu doutor, marmiteiro não se mistura com grã-fino” (FERREIRA, 2005: 57)

Ao identificar os significados do discurso pró-Getúlio, uma associação pode ser feita. No jogo de representações que já vinha sendo construído desde os tempos de José Bastos Padilha, o rubro-negro, que se opunha ao patrão vascaíno e se distinguia do elegante comportamento tricolor, encontrava-se claramente associado ao discurso “queremista”.

Essa associação era reconhecida tanto para Zélin, quanto para Ari Barroso. Mesmo filiados à UDN, esses dois intelectuais reproduziram nos anos posteriores à abertura democrática os mesmos valores sociais associados ao Flamengo nos jornais e nas ações do clube. Se no campo partidário a atuação dos dois se afastava do discurso nacional-popular presente no trabalhismo representado por Getúlio, nos textos e comentários, os dois demonstravam saber quem eram os torcedores do Flamengo. Em uma crônica emblemática, que ilustra como nenhuma outra a sensibilidade de Zélin ao perfil identitário da torcida do Flamengo, o cronista escreve:

“Pergunta-me um amigo por que todo flamengo é pela candidatura Dutra. E eu lhe respondi que não era verdade. O Flamengo não tem candidato, não aconselha candidato, não se compromete com partido algum. Há flamengos partidários do general Dutra, como há do Brigadeiro, como há do Fiúza. Somos uma democracia, e por sermos uma democracia perfeita, damos liberdade absoluta aos nossos companheiros. Cada flamengo age e pensa pela sua cabeça, pela sua simpatia, pelos seus impulsos. O General Dutra é nosso grande benemérito. Devemos-lhe serviços. Mas uma coisa é considera-lo um benemérito e outra coisa é adotarmos a sua candidatura. Há flamengos, e em enorme legião, que estão com o Brigadeiro. O próprio presidente atual do Flamengo é Brigadeiro cem por cento. E como o Coronel Orsini, há grandes do Flamengo com o candidato nacional. O Flamengo não tem dono. Porque é do povo. E dentro dele o povo se manifesta conforme seus sentimentos.” (REGO, 2002: 45)

A primeira frase da crônica é sintomática. Mesmo escrevendo para apoiar a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, Zélin revela o sentimento existente nas ruas: a associação da torcida do Flamengo com a candidatura da aliança PTB-PSD. Nessa altura, como Vargas não havia lançado candidatura própria, a chapa do General

Eurico Dutra³, que contava com o apoio formal do PTB, representava o único vínculo de continuidade do governo anterior.

Os historiadores que investigaram a invenção do discurso trabalhista e o seu gradativo reconhecimento pelas camadas populares conseguiram identificar as demandas sociais que compunham o imaginário dos trabalhadores no Brasil no período democrático de 1945 a 1964.

O futebol, e nesse caso o Flamengo, contribui apenas como mais um campo de verificação dos valores sociais constituintes da experiência de vida dos agentes sociais envolvidos nas disputas políticas da recém-inaugurada democracia brasileira. As torcidas de futebol se configuram como um espaço privilegiado de identificação dos valores sociais compartilhados. No caso de um operário “marmiteiro” que diz não se misturar com homens grã-finos, essa ação não só reflete os valores sociais incutidos nesse discurso, como se realiza por conta de uma determinação econômica que, de fato, distingue os dois sujeitos. O marmiteiro e o grã-fino estão reproduzindo na esfera discursiva a diferença material que está posta entre eles objetivamente. No caso do torcedor de futebol, essa diferença material não precisa estar colocada para gerar a clivagem discursiva. Pessoas de origem humilde podem, porventura, se identificar com o *ethos* refinado de equipes elitistas, assim como pessoas abastadas podem se identificar com o discurso operário presente nas práticas e representações de um clube popular.

Sabemos que o discurso político trabalhista não se restringe ao mundo fabril. A sua receptividade atingiu setores da sociedade que não necessariamente mantinham relações sociais próximas com operariado. Por isso o futebol pode contribuir para a percepção da circularidade dos valores que compõem uma cultura política. Porque ele permite localizar as ações deliberadas das pessoas, independente das condições materiais nas quais elas estão inseridas, em nome da identificação com as cores e o discurso associado a um clube.

No que diz respeito a crônica de Zélin, o escritor indica que a maior torcida de futebol do país⁴, identificada com o discurso operário e nacionalista, estava associada ao

³ Dutra era candidato do PSD em aliança com o PTB. Apesar da aliança, ele não era um político trabalhista. Por isso a coligação pouco adiantou para sua popularidade depois de eleito, já que os trabalhadores queriam o retorno de Vargas.

⁴ Nas crônicas da época, quando o autor utilizava as expressões “os flamengos” ou “torcida flamenga”, ele estava fazendo referência ao termo flamenguista, que hoje é mais utilizado. Por isso nessa crônica

candidato governista. Mesmo que houvesse o caso de torcedores que, como ele, apoiassem a candidatura de oposição udenista, a questão central era a associação da torcida do Flamengo, enquanto entidade abstrata, a um projeto político específico.

Ao considerar essa associação, Zélinis acabava reconhecendo que a identidade do clube já havia sido formada nos moldes do discurso nacionalista e popular. Por esse motivo, ele permaneceu nos anos seguintes tratando a torcida do Flamengo através das mesmas referências nacionalistas dos tempos do Estado Novo. Mesmo após a vitória de Dutra, Zélinis, assim como os intelectuais do *Jornal dos Sports*, não fizeram nenhuma campanha detratora contra a aliança vencedora. É claro que houve casos em que os jornalistas condenaram algumas intervenções federais nos esportes. Um exemplo importante foi quando João Lyra Filho renunciou do CND – Conselho Nacional de Desportos. Todos os colunistas do *Jornal do Sports* criticaram a intervenção de Dutra a favor do grupo ligado ao dirigente Carlito Rocha, que ainda contava com o apoio de Dario Mello Pinto, presidente do Flamengo. Mesmo Vargas Netto, sobrinho de Getúlio Vargas, condenou a saída de Lyra Filho do Conselho e a nomeação de Carlito Rocha, Dario Mello e Fabio Carneiro de Mendonça. Segundo Vargas Netto, essa atitude às vésperas das eleições de 1950 teve um caráter exclusivamente eleitoreiro, pois contemplava os interesses dos presidentes dos clubes. Mas não houve na imprensa esportiva especializada, especialmente no *JS*, o mesmo tom agressivo das críticas ao getulismo que eram feitas nos jornais de oposição. O posicionamento do jornal durante a construção do Estádio Municipal confirma isso.

José Lins podia até mesmo fazer campanha para a UDN, mas isso não significou a assimilação dos referenciais simbólicos desse partido na relação com a torcida do Flamengo. Pois, um discurso contrário a Getúlio, condenando a interação entre o Estado e classe trabalhadora por conta do teor nacionalista presente nessa relação, iria transformar as representações sociais divulgadas pelas suas crônicas. Se os torcedores comuns se formaram inicialmente sob a égide do discurso nacionalista e operário e esse discurso permanecia no imaginário social brasileiro, uma mudança de postura de cronistas como Zélinis poderia representar o início de uma resistência ao texto do jornal

quando ele escreve “todo flamengo é pela candidatura do Dutra”, ele está querendo dizer todo torcedor do Flamengo é a favor da candidatura.

por parte dos leitores que compartilhavam esses valores, fato que nunca aconteceu enquanto Mario Filho esteve a frente

O discurso nacionalista e operário brasileiro pode ser caracterizado como um projeto político específico para o Brasil. Isso porque ele se organizou em um partido, o PTB – Partido Trabalhista Brasileiro – e também porque se espalhou por diversas atividades culturais na sociedade. Mais do que um projeto de governo, que ficaria restrito a esfera institucional, o trabalhismo tornou-se um projeto de sociedade, pois tocava em pontos referentes ao cotidiano do cidadão, como a defesa do patrimônio cultural brasileiro. Por isso é possível estabelecer o elo de conexão entre o futebol e o trabalhismo, pois, enquanto cultura política, o projeto trabalhista foi compartilhado pelos indivíduos nos espaços comuns de sociabilidade. A historiadora Lucilia de Almeida Neves definiu o projeto trabalhista nos seguintes termos:

“Esperança, reformismo, distributivismo e nacionalismo, eram elementos integrantes da utopia desenvolvimentista que se constituiu como signo daquela época. Portanto, a conjuntura delimitada pelos anos 1940 e início dos anos 1960 foi caracterizada pela crença de expressivos segmentos da sociedade civil brasileira de que a modernidade só seria alcançada se apoiada em programa governamental sustentado pela industrialização, por políticas sociais distributivas e por efetiva defesa do patrimônio econômico e cultural do país.” (NEVES, 2001: 172)

O Flamengo foi cantado e exaltado no Estado Novo como o clube da Nação, dos brasileiros, do trabalhador, do patriotismo. E a instituição sempre se apresentava como defensora das futuras gerações brasileiras. Após o fim da ditadura, caso esse discurso fosse fruto exclusivo da imposição da censura, imediatamente ele seria colocado em xeque. Mas, ao contrário, durante o período democrático as referências ao torcedor rubro-negro nacionalista aumentaram. Em coluna escrita em setembro de 1946, Zélin reutilizou o lema de uma das campanhas nacionalistas feitas no Flamengo na época de Padilha: “Servir ao Flamengo é servir ao Brasil”

“Afinal vai o Flamengo construir seu estádio, apesar de todas as restrições, entraves, provocações e tantas outras conversas fiadas, que nada eram mais que cabeça inchada e outras cositas mais. Pode o Sr. General Dutra ficar certo que o seu ato, que facilitou o Flamengo e a outros clubes a construção de praça de

esportes, veio ao encontro do povo... Porque não há clube que (mais) seja de todo o Brasil, verdadeiramente da nação, do que o Flamengo. Em todos os sentidos, é o Flamengo o clube do povo brasileiro.” (REGO, 2002: 64)

Zélin, mesmo sendo da oposição ao governo, sabia que Dutra podia trazer grandes benefícios para o clube. Afinal, o presidente era sócio e torcedor do Flamengo. De fato, no governo Dutra grandes obras foram feitas no Clube de Regatas do Flamengo. A maior delas foi a construção da sede do Morro da Viúva, feita com auxílio federal.

Mas, independente da certeza de que Dutra poderia trazer benefícios para o clube, Zélin ao reivindicar a ajuda federal para a construção da praça de esportes do Flamengo estava indo em direção contrária a um pressuposto básico do discurso udenista. Ao defender explicitamente a construção do estádio com recursos estatais, Zélin estava defendendo um aspecto próprio da modernização trabalhista, que era o intervencionismo estatal em obras para o bem-estar público. Para Zélin, nada mais de interesse público do que o Flamengo, “time do povo”. Porém, isso implicava na utilização do argumento em prol do estatismo.

Não apenas na luta pela construção do Estádio do Flamengo o argumento intervencionista foi usado por Zélin. Mesma postura ele adotou no debate sobre o Estádio Municipal. Isso reforça a posição que Zélin tinha sobre o esporte. Assim como Mario Filho e Padilha, Zélin entendia o futebol como um instrumento pedagógico, capaz de contribuir para a formação do espírito cívico. Para eles, nos estádios, os torcedores sentiam-se parte e aprendiam a amar o Brasil. Era assim que ele explicava sua predileção pelo Flamengo, por ser o clube mais brasileiro.

A partir dessa perspectiva pedagógica, para Zélin cabia ao Estado o papel de gerir o futebol, intervindo a favor dos interesses do “povo”. O futebol, portanto, era uma questão política para Zélin, não apenas um negócio. Essa visão fez inclusive ele assumir divergências públicas com dirigentes que eram seus colegas, como o caso de Dario Mello. Certa vez, Zélin alertou: “Vamos acabar com essa história de leilão no Flamengo... Vamos cuidar do clube sem esse espírito mercantil” .” (*Jornal dos Sport*, 29 de março de 1949)

Sendo o futebol patrimônio cultural e não mercadoria, o mesmo devia ser protegido pelas leis e ações estatais. Motivado por essa convicção, Zélin exagerava nos

seus comentários, ignorando por completa a sua filiação política quando o assunto era o Flamengo. Em outra coluna dedicada ao estádio do Flamengo, o escritor paraibano decretou:

“A fúria de meia dúzia contra as pretensões do Flamengo não modificará o normal desenrolar dos fatos. Há um decreto do governo permitindo que os clubes esportivos sejam protegidos pelos poderes públicos. E há um clube que poderá se servir desses favores do governo para levantar aqui na Capital Federal um estádio com as melhores instalações possíveis... Se o Flamengo vai ter o seu estádio, melhor para o Brasil.” (*Jornal dos Sports*, 22 de setembro de 1946)

É possível imaginar que entre a “meia dúzia” de insatisfeitos com a destinação de verbas públicas para a construção de um estádio de futebol privado estivesse até mesmo colegas de partido. Se o líder da UDN na Câmara, Carlos Lacerda, criou uma série de problemas para a aprovação da construção do estádio municipal, não há como imaginar que o decreto que beneficiava os clubes fosse passível de sua simpatia.

Na crônica mais famosa em defesa do estádio do Flamengo, Zélinis abriu mão do texto ofensivo contra as “insatisfações” adversárias. Em vez do ataque, ele apresentou de forma mais poética qual seria a tarefa do Estado brasileiro: proteger o futebol como parte da cultura nacional. É interessante notar que Zélinis se refere aos outros clubes, enfatizando o papel social do futebol, e não apenas do Flamengo.

“O Flamengo, como todos os clubes desta cidade, é um elemento de preparação do espírito nacional. E mais do que qualquer um vive por todos os recantos do Brasil, nos entusiasmos dos seus adeptos que são uma verdadeira legião. Se há um clube nacional, este será o Flamengo, criação do mais legítimo espírito de brasilidade. Flamengos são brasileiros de todas as cores, todas as classes, todas as posições.” (*Jornal dos Sports*, 21 de setembro de 1946.)

Nessa crônica fica mais transparente a semelhança entre o texto de Zélinis e o discurso da integração nacionalista. O escritor enfatizou a miscigenação, a conciliação entre as classes, atribuindo maior peso nesse texto ao nacional do que ao caráter popular do clube. Na realidade, esse sempre foi o jogo de representações que dominou o clube: a nação e a popularidade dos seus torcedores. Por ora, um aspecto ganha mais ou menos destaque. Mas, num plano geral, os dois elementos se complementam, conferindo ao clube o posto de representante da modernização nacionalista que visa incluir as camadas

populares. A modernidade nos termos do nacionalismo trabalhista busca promover a ascensão social das camadas populares, e por isso o caráter desenvolvimentista é necessariamente distributivo. Ou seja, o nacionalismo é popular porque a nação só se desenvolve a partir da distribuição das riquezas coordenada pelas ações do Estado. Por isso os discursos operário e nacionalista se complementam no projeto trabalhista. Os clássicos *Fla x Flu* e Flamengo e Vasco ilustram a complementaridade da identidade operária e nacionalista do clube.

Outra característica importante do discurso nacionalista de Zélin é o caráter centralizador da sua idéia de cultura nacional quando o assunto era futebol. José Lins do Rego foi um autor que retratou como poucos na literatura brasileira o cenário da sociedade de engenho nordestina. No campo político, o regime democrático era a pedra fundamental do seu discurso. Mas no que diz respeito ao futebol, o regionalismo e as considerações sobre as particularidades regionais desaparecem, dando lugar a uma noção de Brasil bastante centralizada.

Especialmente o Nordeste, região de seu nascimento, era visto a partir da nacionalidade representada pela torcida do Flamengo. O caráter local era posto em segundo plano. Quando o Flamengo viajava para jogar, Zélin enaltecia o apoio que o time recebia por todo o Brasil, como marca da nossa integração nacional:

“Clube algum no Rio poderá fazer o que faz o Flamengo, por onde andar. Isto é, ser em campo, nas peijas que trava, não um clube de fora, mas um clube da própria terra que pisa. E se na Bahia joga com qualquer time local, haverá uma torcida flamenga para os aplausos aos rubro-negros. E o mesmo acontecerá em Recife, Porto Alegre, em Belém”. (*Jornal dos Sports*, 17 de julho de 1947)

Nem mesmo seus colegas da literatura escapavam do patrulhamento nacionalista que Zélin fazia no *Jornal dos Sports*. Rachel de Queiroz foi vítima de uma brincadeira feita por Zélin, em que ele escrevia:

“Há em Rachel de Queiroz tudo para ser do Flamengo. É ela uma louca, uma lírica, uma autêntica paixão em violência. E, depois, filha do Ceará, que é o estado mais flamengo do Brasil.”

José Lins do Rego, que sempre canalizou em suas crônicas as representações e deliberações defendidas pela direção do clube, ajuda a mostrar como o Flamengo se

posicionou politicamente em tempos de abertura democrática. Tempos em que os meios de comunicação necessariamente se posicionavam diante do quadro político partidário. Nesse contexto, o Flamengo assumiu referências simbólicas que não se adequavam perfeitamente a visão social de mundo dos seus dirigentes, mas sim da sua torcida. Não se tratava de fazer uma campanha a favor do trabalhismo por parte do clube. Isso Zélin e Ari Barroso, seu fiel escudeiro, não fariam pertencendo a UDN. Mas o que importa é perceber como o clube se posicionou diante das dicotomias que surgiam em tempos de polarização partidária.

Na década de 1940, a torcida do Flamengo já estava espalhada por todo o país. Somente uma retórica nacionalista poderia sustentar o sentido daquela rede de compartilhamento de significados. Ao mesmo tempo, era sabido que o Flamengo nas suas relações de rivalidade se valia do posto de time do homem trabalhador, que impulsiona a nação, mas que sofre a dominação do mau patrão.

Dirigentes de futebol não são torcedores, por mais que queiram parecer. São gestores que estão em competição política dentro das suas instituições. Bons políticos não são insensíveis aos anseios dos seus simpatizantes. Dirigir o Flamengo nos tempos da abertura democrática exigia reconhecimento por parte da direção do caminho que já havia sido pavimentado pela instituição na sua bem-sucedida relação com a torcida, forjada nos tempos do auge do nacionalismo. Se considerarmos as ações de Zélin e Ari Barroso, dois homens que viviam da comunicação com o público e que tinham grande influência dentro do clube, veremos que, no que diz respeito ao futebol, esses homens se apropriaram do discurso nacionalista e popular, mesmo sendo da UDN.

Analisando a relação do Flamengo com a torcida, algumas questões paralelas logo vêm à tona. Será que no ambiente do futebol, nas arquibancadas e nas direções do clube, alguma vez a retórica do futebol como patrimônio cultural brasileiro, que merece ser protegido pelo Estado, foi abandonada? Se no ambiente acadêmico, as teses manipuladoras sobre o “ópio do povo” pululam até os dias atuais, será que entre clubes e torcedores, o papel social do futebol enquanto organizador dos sentimentos populares está posto em questão? Será que em algum momento haverá uma demanda social popular para que o Estado brasileiro se afaste do futebol e o transfira para a iniciativa privada?

Ainda nos dias de hoje, os clubes, que são instituições privadas, invariavelmente se valem da relevância social do esporte para contar com as ajudas governamentais. As dívidas com a União foram, por vezes, abatidas por conta do peso popular dos clubes. As obras e construções dos estádios até hoje recebem financiamento público. O Estado ainda protege os clubes e a seleção nacional, como se esses fossem temas do bem-estar público. E os eleitores respondem positivamente a essas ações, pois o futebol ainda é visto como um patrimônio público no Brasil. Grande parte do eleitorado brasileiro ao longo da história apoiou o Estado que investiu diretamente no futebol, e mesmo as lideranças políticas privatistas precisaram aprender isso. No fim das contas, será o futebol brasileiro um dos últimos espaços onde o discurso nacionalista e intervencionista ainda encontra grande aceitação popular?

A visão sobre o caráter público do futebol foi determinante para a organização do esporte no Brasil nos anos 1960, no governo do trabalhista de João Goulart. Gilberto Agostino chamou de “nacionalismo esportivo” a série de medidas estabelecidas pelo governo que visavam combater acima de tudo a saída de jogadores brasileiros para o exterior. O decreto número 53.820, do dia 24 de março de 1964, estabelecia, entre outras normas, que:

“O preço de indenização ou “passe” não será objeto de qualquer limitação, quando se tratar de cessão de atleta profissional de futebol para associação desportiva sediada no estrangeiro.”⁵

A lei regulamentava a profissão de jogador profissional no Brasil, garantindo inclusive os dias de folga e recesso que teriam direito os jogadores. Mas o artigo referente à venda de jogadores para o exterior era muito importante. Os clubes ficavam liberados para pedir a indenização que lhes interessasse, criando uma enorme dificuldade para as transações de jogadores para times estrangeiros. Isso garantiu que os maiores ídolos dos anos 1960 e 1970 permanecessem no futebol brasileiro, conquista que era demanda dos dirigentes desde os tempos iniciais da profissionalização. O governo, por um lado, entendia a necessidade dos ídolos permanecerem no país, a fim de que os eventos esportivos tivessem apelo popular. Os clubes não queriam correr o

⁵ Decreto disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-53820-24-marco-1964-393794-publicacaooriginal-1-pe.html>, último acesso em 12 de janeiro de 2013.

risco de perder jogadores para os grandes clubes da Europa. O torcedor, por sua vez, festejava a permanência dos melhores atletas nas suas equipes. O Estado brasileiro, em março de 1964, ou seja, no auge da polarização entre esquerdas e direitas, adotou uma medida para proteger os clubes do mercado estrangeiro. Em meio a grande participação política dos trabalhadores, é possível considerar esse decreto como uma demanda dos grupos populares que estavam ligados a Jango no momento de radicalização do nacionalismo.

Costumeiramente, atribui-se ao discurso nacionalista o sinal negativo da manipulação e da irracionalidade. Movimentos populares nacionalista são muitas vezes interpretados como desvios conservadores, ou simplesmente estratégias de dominação.⁶ Em tese, entende-se o nacionalismo como uma ideologia imposta, que tende a prosperar em contextos de intervenção estatal conservadora. Ainda no pensamento político brasileiro está presente a idéia de que o nacionalismo resulta dos interesses dominantes, ignorando, com isso, o caráter autônomo e racional das demandas nacionalistas da sociedade civil.⁷

A análise do Clube de Regatas do Flamengo no período democrático pode contribuir para desconstruir essas interpretações. Ao mostrar que, mesmo com lideranças udenistas a frente do clube, a tradição nacionalista permaneceu inalterada na relação entre clube e torcida ao longo de décadas. Isso indica como políticas nacionalistas e intervencionistas resultam também das demandas sociais, e não apenas das imposições estatais ou das classes dominantes.

Em tempos de abertura democrática e crítica ao nacionalismo do período 1930-1945, novos projetos identitários estavam disponíveis para o clube. Dirigentes e jornalistas ligados diretamente ao clube eram partidários dos projetos alternativos. Porém, a identidade da torcida já estava formada. E somente a manutenção do vínculo

⁶ Para Marx, os nacionalismos eram movimentos irracionistas, e o pensamento marxista estruturalista herdou essa perspectiva. As escolas filiadas ao pensamento liberal caracterizam os movimentos nacionalistas a partir da dicotomia *sentimento x razão*, expressa no romantismo alemão como contraponto a noção de civilização francesa. Para Dante Moreira Leite, autor que escreveu uma influente obra sobre o tema, o nacionalismo expressa uma ideologia marcada pela fase em que os intelectuais estão aliados às classes dominantes. A superação da ideologia nacionalista passaria pela libertação dos intelectuais. Sobre o assunto, ver: CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Baur: EDUSC, 2002. & LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*: São PauloUNESP, 2007.

⁷ Paul Singer e Octavio Ianni defendem a difundida tese de que o nacionalismo desenvolvimentista dos anos 1950 atendia somente aos interesses da pequena burguesia e que se tratava, portanto, de um projeto político que favoreceria uma camada restrita da sociedade. Sobre o assunto, ver: IANNI, Octávio. (org.) *Política e evolução social no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.



com os símbolos nacionalistas poderiam conferir ao Flamengo o posto de “mais querido do Brasil”, condição que o clube buscava desde a sua profissionalização.

Referências bibliográficas:

CASTRO, Marcos. *Notas: Flamengo é puro amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Jorge. *A democratização de 1945 e o movimento queremista*. IN.: DELGADO, Lucilia & FERREIRA, Jorge. (orgs). *O tempo da experiência democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

IANNI, Octávio. (org.) *Política e evolução social no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

JORNAL DOS SPORTS.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*: São Paulo: UNESP, 2007.

NEVES, Lucilia de Almeida. *Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil*. IN.: FERREIRA, Jorge.(org.) *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

REGO, Jose Lins. *O Flamengo é puro amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 45
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1950.

VIEIRA, Claudio. *Maracanã: templo dos deuses brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.